

Ciganos: Diferenças Culturais e o Processo de Estigmatização

Éverton de Oliveira Cabral¹

Jakson Idegar Dal Magro²

Larissa Bortoluzzi Rigo³

Universidade Federal de Santa Maria Campus, RS, Frederico Westphalen

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar os processos culturais da etnia cigana. Para dar conta desse percurso, Geertz (1973), Tylor (1871), Kenrick (1972) e Puxon (1972) subsidiaram as reflexões acerca do cunho reflexivo. Considerando fundamental a situação atual dessa cultura, que nesta reflexão é entendida de acordo com Geertz, como um modo de vida, utilizamos o formato metodológico calcado em entrevistas. Tais dados nos permitem inferir que há um juiz pré-concebido e de que toda cultura, independente de seus costumes e origens é determinada pelo seu modo de vida, no caso da cultura cigana, observamos as concepções de preconceito e exclusão social.

Palavras-chave: Cultura; Ciganos; Preconceito.

Introdução

Este artigo visa buscar o entendimento da cultura cigana, fazendo assim um contraponto, com os aspectos sociais que permeiam esse povo. A suscitação de provas que o preconceito gera estereótipos no meio sociocultural dos ciganos, foi um dos balizadores

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW, e-mail: evertoncabral11@hotmail.com

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW, e-mail: jaksonidm@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFSM-FW, e-mail: lary_rigo@yahoo.com.br

dessa reflexão. Baseados em fatos relevantes cujo subsídio está calcado no percurso metodológico de entrevistas, trazemos à tona os conceitos de cultura, entendidos neste estudo, como um modo de vida. Além disso, é importante avaliar a cultura – um modo de vida – como fundamento para não desvalorização, e ao mesmo tempo, criação de estereótipos, de qualquer grupo social.

É importante nesse contexto salientar, o nosso entendimento com relação ao vocábulo, “cultura”. A concepção adotada nessa reflexão baseia-se em Geertz (1973), em sua obra, “A interpretação das culturas”. O estudioso pontua uma lista de definições, a partir de Clyde Kluchhohn: o modo de vida global de um povo, o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo, uma forma de pensar, sentir e acreditar, uma abstração do comportamento, uma teoria elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente e um comportamento aprendido.

Definido o ponto inicial desta reflexão, em torno do conceito que norteará todo estudo, é ainda necessário pontuar que o nosso objeto, a cultura cigana, vem se dispersando há mil anos pelo fato de sua exclusão, isso começou na época dos nazistas, quando os povos eram perseguidos e assassinados, eles eram eternos estrangeiros, povo sem pátria, ou tal como destaca Fonseca (1996) “novos judeus”.

Observando esse contexto, o percurso desta reflexão inicia explanando acerca do conceito de cultura, entendida aqui como modo de vida:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise’. (GEERTZ, Clifford, 1989, p. 04)

Fundamentação Teórica

Para melhor iniciarmos nosso trabalho, é necessário fazer alguns levantamentos que foram relevantes para definição de cultura. Retornando aos estudos culturais baseados nos conceitos de Geertz (1973), buscamos sua bibliografia que mostra a sua carreira acadêmica, a qual foi necessária para melhor entendermos os seus objetivos nesses estudos. Ele estudou antropologia na Universidade de Harvard, durante muitos anos lecionou no departamento de Antropologia na Universidade de Chicago. Aos 80 anos foi professor no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton. Em 1973 publicou o livro “A Interpretação das Culturas”.

Para Geertz, o conceito de cultura é entendido enquanto estrutura, sobre a qual as ações humanas se baseiam. É fundamental para compreender os conflitos entre grupos heterogêneos convivendo em determinado espaço. Geertz (1973) procura mostrar que uma grande parte dos conflitos em determinada comunidade estudada (no seu caso, no Marrocos) ocorre em detrimento de um choque cultural, que gera interpretações e percepções conflitantes sobre o mundo.

A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do continente dos significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea.” (Geertz, 1989, p. 30).

Outro nome importante relacionado a cultura e que não podemos deixar de mencionar é Edward Tylor, que no primeiro parágrafo do seu livro *Primitive Culture* (1871), buscou mostrar que cultura pode ser objeto de estudo regado, pois trata de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capaz de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução. O seu pensamento pode ser mais bem compreendido a partir da leitura deste seu trecho:

Por um lado, a uniformidade que tão largamente permeia entre as civilizações pode ser atribuída, em grande parte, a uma uniformidade de ação de causas uniformes, enquanto, por outro lado, seus vários graus podem ser considerados como estágios de desenvolvimento ou evolução... (TYLOR, 1871 [1958, parte I, p.1]).

E quando falamos de cultura, civilizações uniformes, ciganos e preconceitos temos como fundamentos os autores Donald Kenrick e Grattan Puxon (1972) que retratam a exclusão dos povos desde os primórdios de sua existência. Aparentemente, o ódio e os preconceitos em relação aos ciganos no mundo atual são reflexos da memória e de folclores populares relativos às primeiras impressões sobre eles ainda na Idade Média.

A convicção de que a negritude denotava inferioridade e perversidade [associada aos mouros e aos chamados sarracenos] estava bem sedimentada na mentalidade ocidental. A pele quase negra de muitos ciganos condenou-os a serem vítimas do preconceito" (ELLEN, 2011, p. 1).

Fazendo essa analogia baseada no preconceito, Fonseca (1996), retrata que o preconceito com esses povos persistia desde os primórdios. O autor afirma que o preconceito com os ciganos teve muita influência dos nazistas, os quais tratavam-os como

judeus, muitas vezes fazendo campanhas para a exclusão desses povos e também cartazes realizando a venda dessas pessoas, o qual anuncia a venda de um lote. Fonseca (1996, p. 286) retrata a exclusão social.

Eles [ciganos] são contados entre aqueles que por comportamento anti-social, mesmo não havendo cometido crime, demonstram que não desejam enquadrar-se na sociedade: mendigos, vagabundos (ciganos), prostitutas pessoas com doenças contagiosas que não se tratam. Em legislação posterior são inseridos os judeus, ciganos e poloneses.

Nessas propostas baseadas nos fundamentos de cultura e preconceito, trazemos casos para fomentar nossas pesquisas, esses que colaboram para desenvolver tais métodos.

Tendo em vista nossas perspectivas de nossos referenciais, mostramos em pesquisas passadas que a exclusão com esses povos já vinha de anos atrás, assim como retrata (FONSCECA, 1996) á cima.

Metodologia

O método desenvolvido nesse estudo esteve centrado em torno de pesquisas com a cultura cigana. Então, buscamos desenvolver a cultura em si, e também a visualização sobre os preconceitos desses povos, e assim fazendo análise de autores que retratam os vários modos do que é cultura e seus formatos.

Com essa ideia, iniciamos nosso trabalho tratando das diferentes nomenclaturas e conceitos que existem de cultura, a qual tem partida do meio social que vivemos, tal como acrescenta Laraia (1986, p. 3): “Podemos ver, que a cultura influência, ou seja, tem essa capacidade enorme de influenciar o comportamento social e diversificar enormemente a humanidade”.

Calcados nos preceitos da influência da cultura nos aspectos sociais, entrevistamos em torno de vinte ciganos dos municípios de Santo Ângelo e Frederico Westphalen, ambas cidades do Rio Grande do Sul. Entrevistamos através de questionários via meio digital por conta de suas atividades profissionais. Chegamos essas fontes através de conhecidos que tinham conhecimento e amigos ciganos As perguntas ocorreram de maneira aberta e com prévia orientação. Abordamos assim, sobre os preconceitos vividos, se a exclusão social ainda é um fator que influencia no seu dia a dia e também, questionamos sobre os relatos da vida cigana como modo de vida (relatos de experiências).

As entrevistas foram fomentos sustentáveis para realização desse trabalho, definindo alguns conceitos já citados nesse artigo, assim, a pesquisa se consolida num fator influenciável para determinar tal método.

Análise

Para dar início à compreensão cultural dos ciganos, de maneira geral, – referente ao modo de vida compreendido através das entrevistas realizadas – e, então, analisar os aspectos influenciadores na construção de possíveis estigmas para com esse povo, há a necessidade em conhecer, brevemente, aspectos culturais e a maneira como a cultura se dispõe em relação à sociedade, cabendo comparações a respeito de valores morais da sociedade em geral e do povo cigano.

Previamente é preciso esclarecer que os ciganos não possuem documentos, todas as suas tradições são comunicadas oralmente, tampouco apegam-se a materiais históricos, descartando todos os pertences de seus falecidos, sem deixar vestígio algum, quase impossibilitando seu estudo através de elementos produzidos por eles. Nômades, vivem sem propriedade. Durante os relatos foram insistentemente expostos, pelos ciganos, estes aspectos culturais devido à importância dada à oralidade como principal meio de transmissão dos conhecimentos, além do descarte de todos os pertences dos falecidos, pois faz parte de suas tradições. Enxergam, segundo relato, a tradição “como berço formador da cultura e dos valores ciganos” sendo o que são por cultuarem suas tradições, inclusive sendo a única herança deixada pelos mortos.

Tais aspectos, formadores da identidade cigana e comum ao modo de vida dos entrevistados – com exceção de alguns ciganos sedentarizados, possuidores de propriedade, mas que, filhos de ciganos nômades, carregam, na memória, o estilo de vida contado oralmente por seus genitores; percebemos a presença da tradição oral – de antemão, revelam potencialidades que iniciam um processo de diferenciação da cultura cigana, não somente em sua visão de mundo, mas, principalmente, na maneira prática em que ignora o Estado.

Não possuir qualquer tipo de documento, ignorar elementos constituintes de sua história e não possuir propriedade provoca estranhamento na sociedade em geral (sociedade esta na qual, a partir das normas sociais, é comumente alfabetizada, dando importância a

conhecimentos científicos através da leitura, principalmente; também destaque à importância dada pela sociedade em relação à propriedade, o que não ocorre na cultura cigana. Observado nos relatos, por acreditarem ser a ambição pela propriedade uma das causas da desigualdade entre o ser humano) justamente por serem elementos básicos no modo de vida regulado pelo sistema, ocasionando exclusão direta do Estado por manter-se independente dele e, ao mesmo tempo, exclusão da sociedade por diferenciar-se ao não se enquadrar em um modo de vida comum referente à sociedade em geral causando estranhamento⁴.

O nomadismo é o aspecto cultural dos ciganos mais apontado, pelos entrevistados, como sendo um dos principais motivadores do estranhamento da sociedade, provocando exclusão. Tal aspecto é referenciado por Mafessoli, enaltecendo a observação que se chega, a partir dos relatos, em que há ciência por parte dos ciganos de que seus aspectos culturais os fazem sofrer diferenciação no âmbito social:

O nomadismo é totalmente antitético em relação à forma de Estado moderna. E está se preocupa constantemente em suprimir o que considera a sobrevivência de um modo de vida arcaico. Fixar significa a possibilidade de dominar. (MAFESSOLI, 2001, p. 24)

Analisados os pontos necessários para se entender a formação do processo de exclusão do povo cigano e da noção de exclusão por parte destes, outro fator determinante a ser posto em análise são os ditos “falsos ciganos”, mencionados em todas as entrevistas realizadas, em que os entrevistados atribuem parcela da culpa pelos preconceitos sofridos ao fato de que “pessoas se passam por ciganos para, então, aplicar golpes” gerando estereótipos a respeito da cultura cigana, intensificando o processo de exclusão. Os principais elementos que diferem os falsários dos ciganos são, segundo os entrevistados: idioma, vestimenta, acessórios e a maneira como sobrevivem.

Outro fator de influência na formação de estereótipos depreciativos em relação ao povo cigano é a existência dos “falsos ciganos” de acordo com os entrevistados porém, é de desconhecimento destes a história de seu povo – esquecimento provocado pelas falhas da oralidade – assim como a divisão de três grandes grupos ciganos, se fazendo necessário analisar mais a fundo o próprio processo de disseminação deste povo pelo planeta e também

⁴ Dados obtidos nos relatos dos entrevistados, que apontam dificuldade para conseguirem, junto à prefeitura, espaço para acampamento devido o setor público não ceder determinado espaço sem a devida documentação exigida (lembrando a falta de documentação dos ciganos, aspecto integrante da sua cultura). Há também relatos de ciganas do sexo feminino que perderam oportunidades de emprego sob alegação, por parte do contratante, de utilizarem vestimentas inadequadas para o ambiente; a vestimenta é parte tradicional da cultura cigana (saias longas, coloridas, sobrepostas; lenços coloridos na cabeça).

os seus processos de comunicação oral, responsável pela transmissão de suas tradições, como fatores determinantes para entender o que viria a ser “ciganos” e “não ciganos”. Fonseca (1996, p. 272), ao afirmar que

Os ciganos não têm mitos sobre a criação do mundo, nem sobre suas próprias origens; não têm grande sentido de passado histórico. Com muita frequência suas memórias não abrangem mais do que três ou quatro gerações – isto é, as experiências de ancestrais que a pessoa mais velha do grupo é capaz de lembrar. O resto, por assim dizer, não é história. Essa sensação é, talvez, um legado dos dias nômades, quando os mortos eram literalmente deixados para trás.

O autor permite assim, ressalva a respeito da identidade do povo cigano, visto a fragilidade no processo de transmissão de suas tradições que não estão imunes a alterações provocadas por falhas em sua comunicação oral.

Além da comunicação influenciar diretamente a manutenção e alteração da identidade cigana ao longo do tempo, outro ponto relevante ao se analisar a cultura na construção de sua identidade são os fatores geográficos – visto que a identidade de um povo é formada por aspectos culturais resultantes da interação do ser humano com o ambiente no qual vive – e a classificação de seus três grandes grupos, de acordo com Lourival Andrade Júnior (2013, p. 96):

Primeiro grupo: Rom ou Roma, falam o romani, divididos em vários subgrupos (kalderash, matchuaia, lovara, curara, horahanei etc.), são predominantes nos países balcânicos e no leste europeu, mas a partir do século XIX migraram para outros países da Europa e para as Américas; segundo grupo: Sinti, língua sintó, encontrados na Alemanha, Itália e França, onde também são conhecidos como manouch; e terceiro grupo: Calon ou Kalé, falam caló, são os ciganos ibéricos, vivem em Portugal e na Espanha, mas também foram deportados ou migraram para outros países da Europa e América do Sul a partir do século XVI.

A existência de grupos distintos – apesar de possuírem características semelhantes – vivendo em ambientes diferentes, permitindo interações sociais variadas, resulta em características específicas a cada grupo, alterando, então, seu idioma, vestimenta, alimentação e, inclusive, a maneira como os diferentes grupos encontraram para sobreviver, inclusive processos de sedentarização por imposição, como afirma Andrade Júnior (2013, p. 103):

Os grupos nômades têm poucos espaços para organizar seus acampamentos, por conta de leis proibitivas que impedem sua permanência em terras que não sejam especificamente destinadas a eles. Ou seja, no mundo da propriedade privada, esses espaços não existem. Mesmo que a Constituição Brasileira de 1988 em seu artigo 5º – XV tenha definido que todos têm direito a se locomover no território nacional, nos parece que isso não se aplica aos ciganos que optaram pelo nomadismo. O que temos é um número cada vez maior de grupos que se sedentizam e que de alguma maneira perdem suas características primitivas de

estar em movimento. A sedentarização, nesse caso, é por imposição e não por convicção.

Desta maneira, distinguir entre “cigano” e “falso cigano” é uma seleção equivocada apontada pelos ciganos entrevistados, tendo em vista a não homogeneidade e a relatividade com que cada grupo deste povo se constituiu e interage de acordo com as diversas e específicas condições de ambiente. Houve um relato em que podemos perceber contradição na visão de “falsos” e “verdadeiros” ciganos em parte dos entrevistados ao ser conferido à raça cigana “viver em casas como qualquer outra raça”, desconsiderando uma das principais características formadora da identidade cigana, o nomadismo. Disso, percebemos o desconhecimento, por parte dos ciganos, no processo histórico formador dos diversos grupos ciganos, vivendo de maneiras distintas de acordo com os ambientes inseridos, resultando em diferenciações culturais.

Também enfatizado pelos entrevistados como critério de distinção entre “cigano” e “falso cigano” está a utilização da língua Romani, nos “verdadeiros ciganos”, enquanto os “falsos ciganos” costumam falar “portunhol” ou Guarani. “Classificar como “verdadeiros” ciganos todos aqueles que falam uma língua cigana também não adianta, porque muitos ciganos já não a falam mais e outros a dominam muito mal, ou até já a esqueceram por completo” (MOONEN, 2011, p. 18).

Percebemos que há um processo de segregação entre os próprios grupos ciganos devido às diferenciações culturais decorrentes dos fatores constituintes de suas culturas. Além dos estigmas criados pelos próprios ciganos – “falsos” e “verdadeiros” ciganos –, há também os formulados pela sociedade e apontados por todos os entrevistados. A estigmatização gerou imagens anticiganas, principalmente, conforme relatado, na visão de um povo: nômade; mendigo; aproveitador da credulidade das pessoas; vagabundos em relação ao trabalho; desonestos; ladrões; pagãos.

Para se ter conhecimento do início do processo de estigmatização da cultura cigana no mundo, é preciso ciência dos primeiros contatos deste povo com a Europa, no século XV, quando os primeiros ciganos chegaram, provocando, segundo Frans Moonen, xenofobia a partir do receio enfrentado pelos europeus em relação ao povo cigano, referente à diferença cultural existente, criando, justamente, os estigmas citados acima.

[...] xenofobia - o medo, aversão e ódio a estrangeiros, principalmente quando constituem uma suposta ou real ameaça à vida ou ao bem-estar da população -, parece ser um fenômeno universal, difícil e em muitos casos até impossível de ser combatido. Esta xenofobia anticigana consta em inúmeros documentos históricos a partir do início do Século 15[...]. (MOONEN, Frans, 2011, p. 131)

Nas entrevistas foram relatadas diversas situações em que os entrevistados foram vítimas de discriminação por serem ciganos ou, simplesmente, filhos de ciganos⁵. “As atitudes de preconceito desenvolvem-se no processo de socialização que é fruto da cultura e da sua história” (DA SILVA, 2006 p. 424), ou seja, as atitudes preconceituosas não estão apenas presentes nas sociedades, isoladamente, mas são fruto de uma cultura que, historicamente, cria processos de geração de modos de visão superficiais – os estigmas – em relação ao diferente, culminando em manifestações de preconceito, entendido como

[...] o conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consiste em atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa, pelo simples fato de pertencer àquele grupo: a característica em questão é vista como essencial, definidora da natureza do grupo, e portanto adere indelevelmente a todos os indivíduos que o compõem” (MEZAN, 1998, p. 226).

Resta salientar que o processo de socialização e o desenvolvimento das diferentes culturas ciganas analisadas através das entrevistas “têm se dado em função da adaptação à luta pela sobrevivência, o preconceito surge como resposta aos conflitos presentes nessa luta” (CROCHIK, 1996, p. 11). Sendo assim, compreendemos que os estigmas atribuídos ao povo cigano, que resultam em preconceito, existem devido a uma competição de sobrevivência, na qual a cultura diferente – neste caso a cigana – é refutada com base nos aspectos culturais da outra cultura – a sociedade de maneira geral.

Considerações Finais

Tendo em vista nossos objetivos expostos, - analisar os conceitos de cultura como modo de vida e verificar a existência de estereótipos e preconceitos à cultura cigana, foi possível observar através da metodologia que esteve cunhada em entrevistas a confirmação de que o preconceito ainda persiste nesse meio étnico e que as pessoas precisam de maior conhecimento cultural, não desfazendo o do outro, tampouco diminuindo-o.

Percebe-se que o processo de estimatização dos ciganos dá-se devido a diferença cultural em relação ao modo de vida deste povo e da sociedade de maneira geral, porém aponta-se a existência de um processo de segregação entre os próprios grupos ciganos diferentes acarretado principalmente devido à tradição da oralidade como único responsável em transmitir a história deste povo. Falhas na comunicação estritamente oral provocou, ao

⁵ Em determinado caso, uma entrevistada lembra ter sofrido *bullying* em sua infância por utilizar vestimentas, já mencionadas neste artigo, características da cultura de seu povo.

passar das gerações, lacunas históricas a respeito dos processos de diferenciação entre os grupos ciganos, formando culturas diferentes, em que tais culturas acabam por segregar-se entre si devido a não aceitação de suas diferenças, provocadas pelos ambientes heterogêneos nos quais cada grupo esteve submetido. O estigma a respeito dos “falsos ciganos” é entendido como produto do não conhecimento dos processos de diferenciação das culturas ciganas.

Com isso analisamos a importância do estudo de culturas para compreender todos os meios sociais, fazendo assim, nossa análise fundamental para toda e qualquer sociedade que estamos inseridos.

Referências bibliográficas

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo:** vagabundagens pós-modernas. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FONSECA, Isabel. **Enterrem-me em pé:** a longa viagem dos ciganos. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo:** os ciganos na Europa e no Brasil. Recife, 2011.

ANDRADE JÚNIOR, L. **Os ciganos e os processos de exclusão.** Revista Brasileira de História. São Paulo, 2013, v. 33, nº 66, p. 95-112

MEZAN, R. **Tempo de muda:** ensaios de psicanálise. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

DA SILVA, Luciene M. **O estranhamento causado pela deficiência:** preconceito e experiência. Revista Brasileira de Educação, 2016, v. 11 n. 33 set./dez.

CROCHIK, J. Leon. **Aspectos que permitem a segregação na escola pública.** In: Conselho Regional de Psicologia. *Educação especial em debate.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 13-22.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural.** Tradução: Celso Castro. 6ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um Conceito Antropológico.** Rio de Janeiro, ZAHAR, 1986.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro:LTC,1989.

SANTOS, JOSÉ Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2003. SCHWARCZ, Lilia;

GOMES, Nilma (orgs.). **Antropologia e história: debate em região de fronteira**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CORTEZÃO, Luiza; PINTO, Fátima (Org.) O povo cigano: cidadãos na sombra: processos explícitos e ocultos de exclusão. Lisboa: Afrontamentos, 1995. p.20.